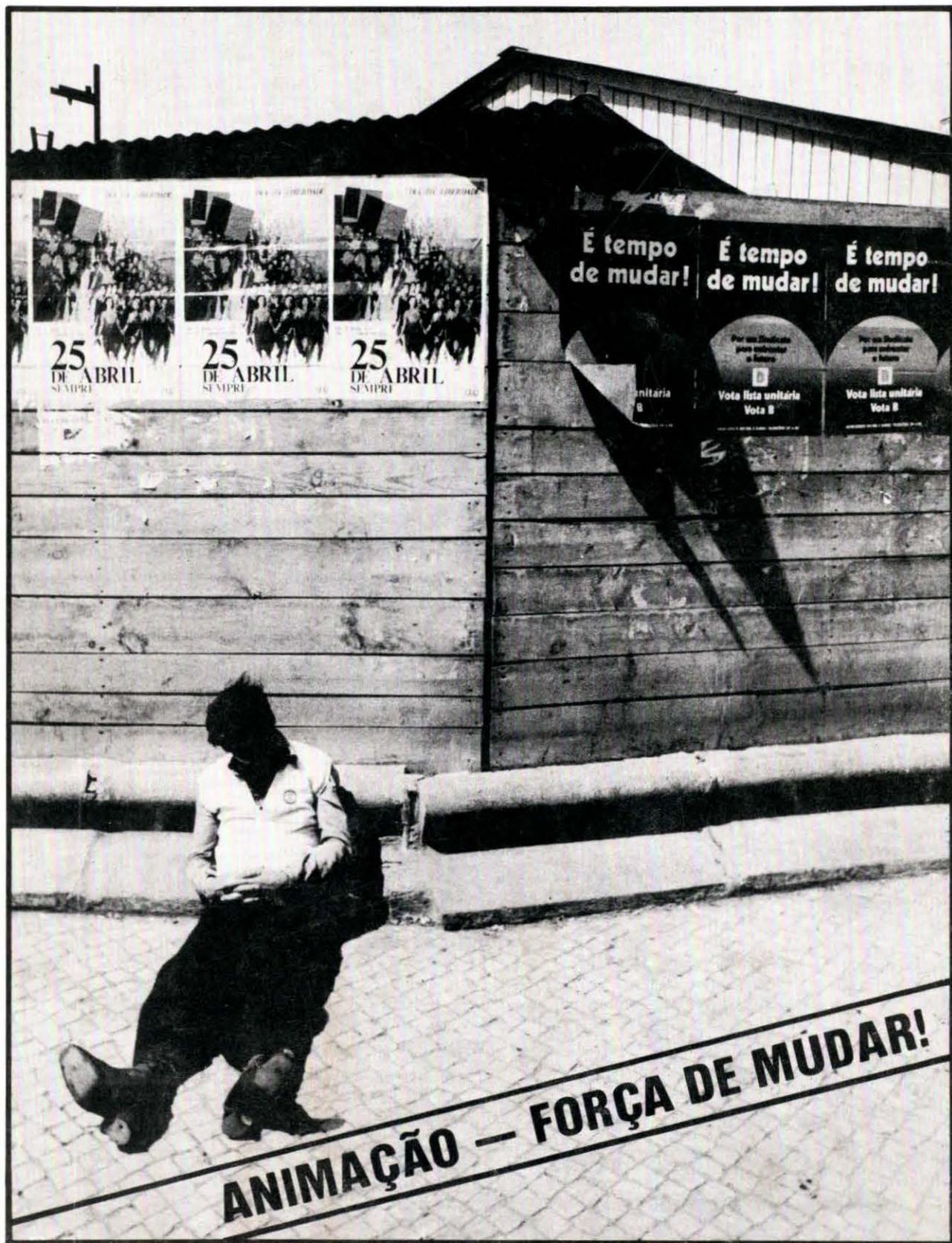


INTERVENÇÃO

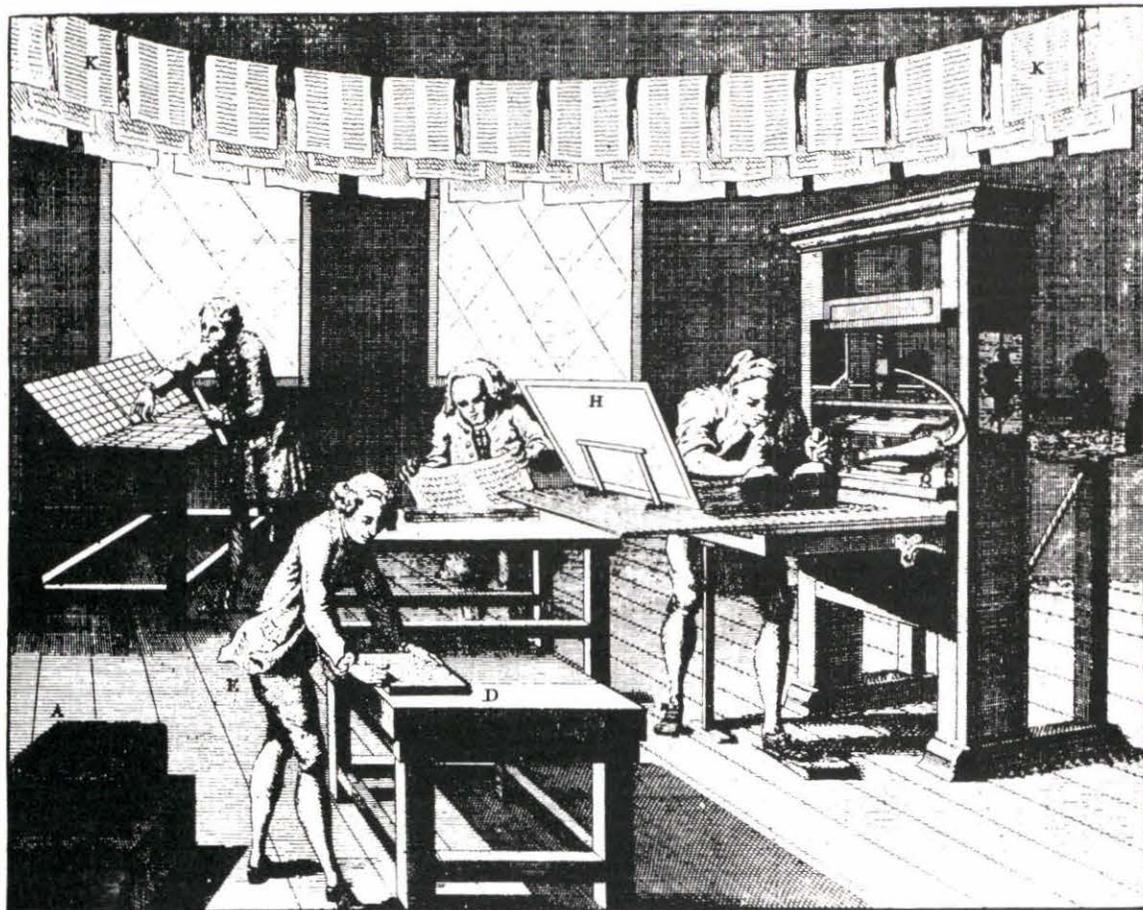
REVISTA DE ANIMAÇÃO
SÓCIO-CULTURAL

Nº 5 2ª Serie
Revista Mensal
Preço: 40\$00

Maio/Junho de 1982



RESENHA



Às vezes a revista nasce, veloz, vertiginosamente veloz, do quase nada. Depois a gente senta-se e escreve um pequeno gesto matinal. Um pequeno sonho confortável.

Luís Mourão

Às vezes a revista nasce de nós, vem cá do fundo. E cada vez que nasce é como se algo de novo se passasse, como se fosse descobrindo uma nova parte de cada um de nós. E a revista começa a ser um pouco de nós todos.

Não assumimos verdades. Lançamos sementes, semeamos a dúvida, para que muitas certezas possam aparecer. E a semente cresce. A revista começa a ser mais cheia.

Hoje tratamos a animação. Algumas pistas, algumas hipóteses, alguns instrumentos. Longe de nós pensarmos esgotar as diferentes práticas possíveis de trabalho. Queremos que o desejo nasça, que as práticas se desenvolvam que as diferentes reflexões vão tendo espaço nesta revista.

Diz-se que a prática é um critério de verdade. Nós achamos que sem prática não há teoria que revista, não há reflexão que se desenvolva. Por isso este espaço deve ser o espaço das diferentes práticas que por aí se vão fazendo.

Este continua a ser um espaço de liberdade. E como eles vão rareando nesta terra. E estes espaços só se defendem enquanto profunda e activamente participados.

M.R.
C.F.



PORTE
PAGO

INTERVENÇÃO

MAIO DE 1982

Direcção
Mário Ribeiro
Carlos Fragateiro

REDACÇÃO
A. Santos Silva
Henrique Araújo
Isabel Pato
José Ferreira
José Roseira
Lucília Salgado
Luisa Nora
Luis Martins
Luis Mourão
Miguel Horta
Rodolfo Proença de Jesus

DIRECTOR INTERINO
Mário Ribeiro

DIRECÇÃO GRÁFICA
E ILUSTRAÇÕES
Miguel Horta

PROPRIETÁRIO
Luis Martins

SECRETARIO
Helena Verejão

ADMINISTRAÇÃO
Jorge Azevedo

FOTOGRAFIA
Mariano Piçarra

PUBLICIDADE
Alfredo Henriquez

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Carlos Silva
Filomena Viegas
José Alberto Sardinha
José Mariano Gago
José Mexia Alves
Luis Mateus
Maria Helena Vinagre
Orlando Garcia
Porfírio Alves Pires
Regina Gago
Rosário Baptista
Rosário Horta
Yolanda Ramos Galicia

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
GRUA, ARTES GRÁFICAS LDA,
Calç. dos Barbadinhos 114-A
1100-Lisboa

DISTRIBUIÇÃO
Dijornal - Distribuidora de Livros
e Periódicos Lda - Rua Joaquim
António de Aguiar 64-2º Dtº
1100-Lisboas

PREÇO DESTE NÚMERO
40\$00

TABELA DE ASSINATURAS

	Semestral	Anual	Apoio
Portugal	200\$00	360\$00	500\$00
Europa	450\$00	900\$00	1 250\$00
Resto Mundo	850\$00	1 200\$00	1 500\$00

TIRAGEM
3.500 exemplares

CONTACTO
PARA PUBLICIDADE
Telf. 602091

REDACÇÃO EM LISBOA
Rua de Arroios nº 88-1º
1100-Lisboa

CORRESPONDÊNCIA
Apartado 21064
1127 Lisboa Codex

AGRADECEMOS A
● BISSCHOPPELIJKE VASTENAKTIE
NERDERLAND

As terras do fim do mundo
PÁG. 4



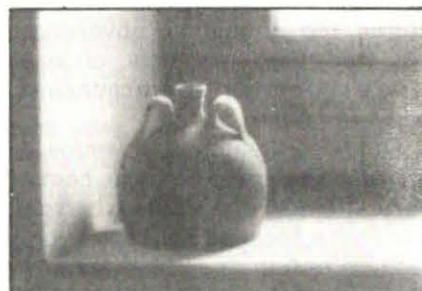
Estamos fartos da rotina
PÁG. 5

A conversar a gente
entende-se
PÁG. 6



Criar um museu
de localidade
PÁG. 10

Chavão
PÁG. 13



Animação cultural científica
PÁG. 14

Animar o bem estar
melhorar o ambiente
PÁG. 16



A animação brota saúde
PÁG. 18

Fragmentos sinais
PÁG. 20



Daqui e dali
PÁG. 22

Coluna a coluna
PÁG. 23



As nossas memórias
PÁG. 24

BAJOUCA

AS TERRAS DO FIM DO MUNDO

REGINA GAGO

Bajouca, a vinte e cinco quilómetros de Leiria.

Aldeia perdida no meio de tantas outras tão anónimas, envolvidas nas tradições ancestrais, onde a terra é rica em barro e em cada casa havia um oleiro...

Quando chegamos e vemos a maromba no meio do pátio, com a vaca atrelada, a amassar o barro e as peças a secar ao Sol, sobe a vontade de entrar na oficina, sentir o cheiro do barro, amassá-lo com as nossas mãos, aprender a trabalhar na roda.

A oficina é pequena. Está uma fogueira acesa no chão. No meio, um pote com água a aquecer para modelar o barro. Em roda, as peças já feitas, sobre tábuas, para serem transportadas com mais facilidade para o pátio.

Enquanto conversamos, as mãos do oleiro não páram, com a

roda a girar; as peças vão nascendo sob os seus dedos hábeis e com a mesma precisão com que colocou a bola de barro em cima da roda, peça num cordel e separa a peça já feita...

"Foi aqui mesmo que aprendi a trabalhar o barro. O meu avô era oleiro e o meu pai herdou-lhe a profissão. Eu e os meus irmãos, quando éramos garotos, vínhamos para aqui brincar e, como tínhamos as pernas curtas para fazer andar a roda, punhamos uma tábua atrevesada — aqui neste sítio — e lá conseguíamos fazer qualquer coisa. Eu ajeitava-me melhor do que eles, se calhar é por isso que ainda ando nesta vida."

As pessoas são hospitaleiras, contam-nos de bom grado a sua história, falam-nos da sua arte com simplicidade. "Não é tão fácil como

parece. Ora sente-se aí na roda a ver se se ajeita. É custoso só ao princípio. No fim qualquer um consegue; se estivesse nisto há tanto tempo como eu ia ver como os fazia num instante."

E a história? Existem sempre mil histórias para contar quando se avivam as memórias...

"Dantes havia mais de vinte oleiros aqui na freguesia. A terra é rica em barro. A gente vai buscá-lo aqui perto, à Marinha do Engenho, é meia hora de caminho. A gente nova já não quer saber disto. Vão trabalhar para as fábricas de cerâmica, ganham melhor. É a nossa vida andar a correr as feiras. As pessoas também vêm aqui comprar quando precisam. Eu faço loiça mais rude; isto em que estou hoje serve para os coelhos comerem. Encomendaram-mos para a feira dos 29. O meu cunhado é que faz a loiça pintada. Essa é que muita gente conhece como a loiça da Bajouca. As terças e quintas vou para lá ajudar."

E ser oleiro é uma forma de ganhar a vida com muito carinho em cada peça, com muito orgulho no bom acabamento.

Mesmo assim não é fácil perceber como é possível... são os velhos que vão mantendo a chama acesa, e já não é vida para eles; o correr das feiras, os intermediários que colocam as peças no mercado e lhes trazem as encomendas.

As peças aparecem em mãos estranhas à venda no mercado de Leiria com a fama que ganharam ao longo do tempo. "É da Bajouca" dizem-nos, como sinónimo de qualidade, de bom acabamento, de peças feitas por mãos de artistas.



Regina Gago

ESTAMOS FARTOS DA ROTINA



"Nós pegámos nos jogos populares da zona onde vivíamos porque achámos que era a melhor forma

de desenvolver um trabalho de acção cultural que nos ligasse de uma forma íntima e dinâmica à rea-

lidade social onde existimos", assim nos falava o Jorge que, no centro do país, desenvolve um trabalho de animação local que pensamos profundo e consequente.

"Tudo começou há dois anos — continua. Sentíamos uma grande frustração com o que se fazia a nível cultural na nossa zona. Víamos e sentíamos as coisas a aparecerem e a desaparecerem sem deixarem nenhum rasto, nenhuma marca nas pessoas. Víamos os grupos de teatro em permanentes e frustradas tentativas para copiarem o chamado teatro profissional. Víamos as experiências de alfabetização a caírem cada vez mais na rotina da aprendizagem da leitura e da escrita, enquanto os ranchos e as bandas continuavam na caminhada sem roturas, numa monotonia constante, num abastardamento daquilo que pensamos existir de rico e profundo entre nós."

Enquanto reflecte e desabafa, os olhos de Jorge vão-se tornando brilhantes, como se a força que o anima saltasse bem lá de dentro a ferver. E, como ele nos disse, "perante esta situação só tínhamos duas alternativas: ou abandonar o trabalho, ou então procurar um projecto que conseguisse ligar-nos às pessoas, tocá-las no mais profundo do seu ser, provar que é possível trabalhar em ligação com elas, despertando a curiosidade e o interesse para uma realização prática.

"Sabíamos que em tempos tinham existido na nossa zona grandes festas onde apareciam os cantares ao desafio, os jogos tradicionais, as corridas de cavalos e de burros, os saltimbancos. Sabíamos e sentíamos como eram agora as nossas festas anuais. Os arraiais para se encontrarem, os cortejos de oferendas para melhorar a igreja e



Mariano Piçarra



fazer **viver** o senhor prior, as bebedeiras e as cenas de pancadaria como elas acabavam."



Manano Piçarra

"ERA URGENTE CRIAR UMA ROTURA"

Apesar da fluência com que o Jorge se exprime, como se tudo brotasse naturalmente, foi moroso todo este processo de tomada de consciência e de perspectivação de alternativas. "As contradições entre os elementos do grupo foram-se agudizando. De cada vez que chegávamos a um beco sem saída, a agressividade começava a aparecer, as relações sofriam com isso, a dinâmica de trabalho ficava bloqueada.

"A realidade cultural do meio era hostil à transformação. Se a princípio acreditámos no Projecto Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos para dar força a uma acção cultural transformadora, cedo vimos como tudo se ia diluindo. Como já disse, um projecto que era de transformação e consciencialização do meio passou a ser, no dia a dia, unicamente as aprendizagens da leitura e da escrita, da matemática, como se os professores/animadores estivessem a trabalhar com crianças um pouco mais velhas. O meio não existe, as realidades negativas que vamos vendo na escola são aqui aumentadas.

"Era urgente criar uma rotura. As dificuldades, se tinham agudizado os conflitos entre os elemen-

A CONVERSAR A GENTE ENTENDE-SE...

Começámos por querer fazer uma abordagem teórica aos problemas que o trabalho concreto do Jorge motivou. Mas queríamos fazer uma coisa viva.

Fomos conversando. E chegámos à conclusão que era mais interessante reproduzir a conversa.

C.F. — O ponto fulcral é a ligação dum projecto ao meio. Normalmente os projectos de animação são quase que normalizados. Aplicados indistintamente em novas realidades.

L.S. — Queres dizer que há um modelo de projecto, quase que uma forma, que se procura aplicar a qualquer realidade?

C.F. — Mais do que uma forma, há uma atracção profunda pelas

formas dominantes da cultura do espectáculo.

L.S. — Troca lá isso por miúdos. O que é que queres dizer?

C.F. — Normalmente os modelos e desejos dos animadores são copiar aquilo que se faz a nível da superestrutura cultural. Produzir coisas para os outros assistirem, para os outros verem — criar mais do que uma dinâmica colectiva, um espectáculo. Isso vê-se, por exem-

tos do grupo, de cada vez que eram superadas faziam solidificar as nossas relações, davam-nos vontade de fazer realmente um projecto diferente."

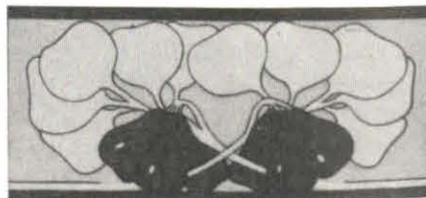
E O PROJECTO?

O projecto está a ser concretizado. Algures, como nos pediu o Jorge, para não iludir expectativas. Interessava-nos hoje pegar nos pressupostos de partida para que fosse possível uma reflexão conjunta.

Porque é que tudo isto acontece, que fazer para se superarem estas

dificuldades. É isso que procuramos fazer ao longo deste dossier. Por isso ligamos essa reflexão a práticas de trabalho concreto possíveis.

De qualquer maneira continuamos a acompanhar esta experiência. Porque é importante não deitar foguetes antes da festa, porque é importante não criar novas práticas irrealizáveis e frustradoras.



plo, naquilo que o Jorge nos contou.

L.S. — Não penso que as superestruturas criem alguma coisa. Elas, ao fim e ao cabo, pelo tipo de apoios que dão, é que acabam por criar os tais modelos de função espectáculo. O que lhes interessa é "fazer consumir" e não "fazer produzir". As pessoas delegam o seu poder de **fazer** no espectáculo de teatro, no rancho que lhes apresentam; delegam o seu "saber" no professor do curso de alfabetização.

C.F. — Acho que é isso mesmo. Os chamados **animadores** ou **dinamizadores culturais** não são mais do que instrumentos de mediação entre o poder e as pessoas. Sejam animadores das autarquias, regentes de bandas, ensaiadores de ranchos ou grupos de teatro, professores.

L.S. — Não estamos aqui para acusar ninguém, para procurar "o mau da fita". O animador que, inconscientemente, produz uma prática de superestrutura, como tu acima dizes, sente-se mal. Ai está a inquietação do Jorge e talvez até mesmo a origem dos conflitos no grupo.

C.F. — Por isso é que ele diz que é preciso criar uma ruptura.

L.S. — O que tinha interesse, parece-me, era tentarmos perceber que outras práticas conduziram mais à **participação** e menos à **delegação** e responderiam mais aos interesses, à vida das pessoas, que é forçosamente diferente da das superestruturas.

C.F. — É nesse sentido que a mim me parece o seguinte: um projecto de animação tem de deixar de se preocupar em **transmitir ideologia** (ideias dominantes).

L.S. — Não estou a perceber. Então o objectivo explícito ou mesmo implícito dos projectos de animação é transmitir ideologia?

C.F. — Eu disse **tem de se deixar...**

L.S. — Então é porque achas que

na prática é isso que se faz, se tem de se deixar de...

C.F. — A questão está mais no **impingir**. Pressupostos ideológicos tem toda a acção cultural. Por mais ou menos explícitos que apareçam. O salto em frente é provocar um processo de descoberta individual que permita o domínio dos instrumentos e permita a autoconsciencialização. Isso passa pelo quebrar da barreira entre os **fazedores** e os **consumidores**, pela ligação do **pensar ao fazer**, pela mobilização colectiva para os projectos que se realizarem. E aqui é que entra o **meio**. Não é possível mobilizar as pessoas para coisas que não tenham a ver com a sua vida, com os seus desejos mais profundos. É, pois, preciso partir do desejo enquanto força motivadora de acção. Eu olho para uma mulher e desejo-a e isso motiva-me uma determinada acção em direcção a

L.S. — Estou de acordo com o que dizes mas penso que é preciso ter um certo cuidado. Conhecemos bem como eu como se mobilizam pessoas para coisas que nada têm a ver com a sua vida. É a manipulação. Terás razão se disseres que, para mobilizar, se partiu de algo que tinha a ver com a sua vida, que lhes tocava profundamente. E aí, é um dos pontos em que a ideologia, que é subjacente a um projecto, se torna importante e pode ser útil ou perigosa.

Depois. Partir das aspirações pode não ser só partir da **memória do passado**, mas sim partir do **quotidiano**, da afectividade activa e não do estímulo à passiva.

C.F. — Posso interromper? Não sei se isto é um chavão, mas costumava dizer: **reviver as memórias, reavivar as imagens para reventar os trajectos**. Por exemplo. Há uma memória muito grande em Leiria de

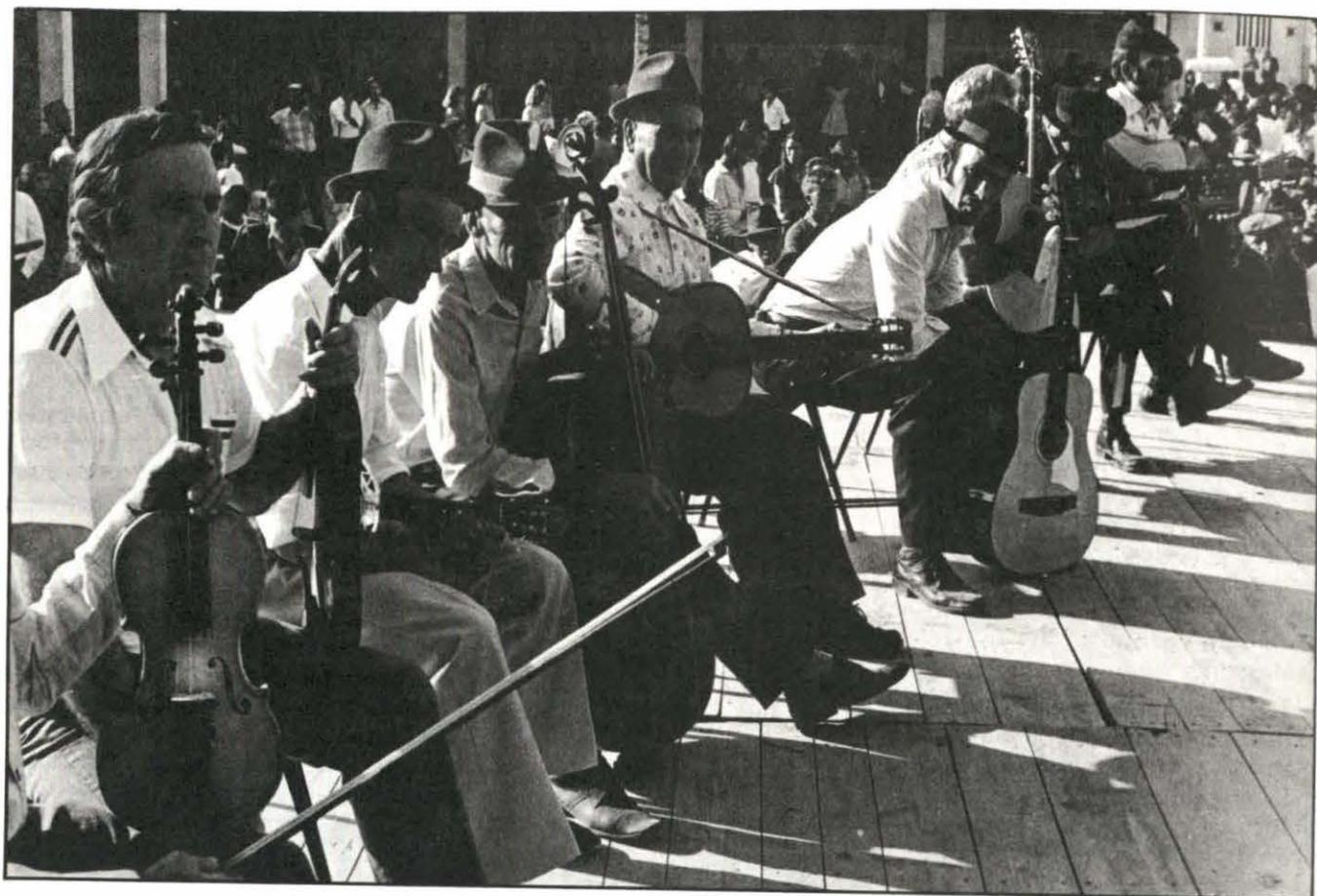


Mariano Picarra

ela. Esse desejo vem cá do fundo de mim. A criação dum projecto tem de partir do conhecimento do desejo das pessoas. Daquilo que são as suas memórias. Daquilo a que elas têm uma ligação afectiva. É preciso, também, não termos medo da afectividade.

tudo um passado cultural que foi muito rico. Uma acção cultural tem que passar por essa relação afectiva com esse passado, o que só é possível pela tomada de consciência do deserto cultural que é actualmente. Isto, não para se voltar ao passado, mas sim para se criar algo





novo para o presente e para o futuro.

L.S. — O.K. Só estou em desacordo contigo quando tu dizes **só é possível**. Poderá haver outras vias e partir-se mesmo do presente. Não tem forçosamente que se recuperar o passado, logo à partida. Há pois **duas vias** (ou mais!): uma que é partindo do passado, e outra do presente, igualmente válida.

Em relação ao **passado**, e já que não nos libertamos de chavões, eu costumo dizer: **assumir o passado, para compreender o presente e perspectivar o futuro**.

C.F. — Afinal de contas dizemos a mesma coisa. Chegámos à conclusão de que não é possível negar a nossa memória cultural e que existe a nível da nossa dinâmica corporal. Para fazer mexer esse corpo é preciso tocar as campanhas. Isto não quer dizer que não

haja mais qualquer coisa do que isso. São muito importantes e fundamentais as novas experiências que se começam a fazer no sentido de abrir pistas para o desenvolvimento do trabalho concreto. Por exemplo: estou a fazer um trabalho sobre o modo de vida das pessoas nas cidades. Vê-se o passado, confronta-se com o presente e analisam-se as novas experiências que a nível de urbanismo estão a ser feitas cá e em todo o mundo. São estas experiências novas que vão dar o sentido de transformação à minha acção.

L.S. — Começamos a assentar os pés na terra, a ser mais concretos. Eu cheguei lá por outra via. A posição instalada e sentada de ver televisão, a rotina do dia a dia, dos almoços e jantares, dos filhos, da ginástica dos ordenados, **fixa** as pessoas, fá-las agarrar as coisas

seguras, estimula-lhes a **resistência à mudança**. O medo do diferente, todos nós o conhecemos. O futuro? O diferente? Coisas que eu não sei pensar porque nunca as vivi. Tenho medo. Perceber o passado que vivi é perceber a mudança. Quebra-me as resistências, percebo os motores do movimento. As acções de animação que partem do passado são, parece-me, fundamentais para o arranque do diferente. Damos a mão à vida do passado e, a pouco e pouco, entendemos e somos capazes de fazer o novo. Aí sim. Concordo contigo. Temos de pegar (limpar) na memória para libertar as teias do medo do presente. Por isso, a defesa do património cultural não me interessa só pelo valor histórico e científico. Não é numa atitude reaccionária como aquela com que a escola nos ensinou a história de



A CONVERSAR A GENTE ENTENDE-SE...

Portugal. É sim, se for bem feita, se pegar no património real das comunidades, uma via (talvez a melhor, como tu dizes) para se desbloquear resistências à compreensão e conseguir melhor implicação no quotidiano.

C.F. — Nesse sentido, faço a chamada para o exemplo que apresentamos adiante: "A criação do museu vivo na escola". E gostava de falar doutro exemplo. As crianças apropriam-se do real reiventando-o. É essa reinvenção que faz com que a criança perca o medo do mundo dos adultos, dos seus objectos. Quando ela joga com eles e os transforma à sua medida ela domina-os e assume o real. É este processo de reinvenção que pode fazer com que os adultos transformem o real. Por alguma razão, em Maio de 68 se dizia "a imaginação ao poder".

L.S. — (Bem falta nos fazia para ver se se transformava este nosso real — e para começar por nós, esta Revista!)

Agora a sério. Isto tudo porque o Jorge considerou uma prática nova partir de jogos tradicionais, reinventando-os, criando novos jogos a partir deles. Começam a surgir por todo o país **museus de localidade** organizados pelas próprias populações. O distrito de Braga começa a ser fértil nessas experiências. Uma vez parte-se dum grupo de professores que, querendo estudar o meio físico e social, fazem com as crianças uma exposição que se transforma num museu (Chavão/Barcelos). Em Fermentões (Guimarães) parte-se duma visita formal, em que se expõem alfaias tradicionais, para se organizar um museu local onde hoje se fazem, por exemplo, reuniões de agricultores discutindo os problemas do leite. Em S. Bartolomeu do Mar (Esposende), parte-se dum curso de adultos no programa "estudos sociais" para recolher peças antigas e, acrescentando-lhes criações novas

(um zingarelho de lavar cenouras), faz-se um carro alegórico nas festas tradicionais do concelho.

A literatura oral (provérbios, ditados, quadras, adivinhas, histórias de vida, etc.) começa, cada vez mais, a ser introduzida como assunto daquilo que se escreve quando se aprende a escrever. Descobre-se que partir do que se tem — da memória, como tu dizes — do que se fala, com o que se pensa, é a melhor maneira de fazer progressos na aprendizagem. Penso que estes exemplos ilustram o que disseste em relação à animação.

C.F. — Na continuação do que tu disseste, gostava de contar o que se passou no atelier "expressão dramática", realizado na Galiza quando dumas jornadas em que a INTERVENÇÃO participou. Estávamos a fazer jogos perfeitamente compartimentados. As pessoas participavam mas não estavam mobilizadas. Foi aí que sentimos necessidade de dar uma ideia de conjunto ao que estávamos a fazer. Pegámos num tema que nos interessava — a própria análise das jornadas pedagógicas — e dissecámos-lo em vários sub-temas. Começámos a trabalhá-los e, na

acção que se ia fazendo, iam-se introduzindo diferentes jogos tradicionais. Todos os conflitos foram expressos a partir de jogos. No final das jornadas apresentámos o produto do trabalho. Anunciámos-lo de imprevisto no meio da festa e, como queríamos meter toda a gente no jogo, no final construímos uma teia com novelos de lã que envolveu toda a gente. A partir daí ninguém mais foi espectador. E a criação aconteceu. Foi lindo ver cerca de 100 pessoas começarem a cantar e a dançar à volta do ringue da festa, sem partirem os novelos. O que foi giro, foi que as pessoas que participaram no atelier sentiram que era possível, que eram capazes de realizar algo com princípio, meio e fim, de perderem as vergonhas. Passados dois anos ainda nos escrevemos, ainda não quebrámos o fio do novelo. Até quando?

L.S. — Deste-me a volta também a mim com esta dos novelos. Mas ainda não perdi o fio à meada. Dizia eu lá em cima (esta conversa já vai tão longa!) que era preciso enriquecer a animação com práticas ligadas ao quotidiano, às necessidades, aos problemas das pessoas. Problemas como a **saúde, a criação**



Mariano Piçarra



de novos empregos, a poluição/ecologia, têm que entrar nas práticas de animação, tal como hoje nos habituámos a pegar em teatro, em corais, em ranchos folclóricos. Começam a fazer-se em Portugal (e no mundo) acções em que a animação é mais rica de conteúdos. Podemos tentar ainda neste número dar alguns exemplos. Do que se faz e daquilo que se pode fazer. Era bom continuarmos. Sabemos que há uma associação em Lordelo/Paredes, perto do Porto — **Os Extensivos do Lordelo** — que tem uma experiência muito rica neste domínio: como as pessoas da terra trabalham em madeiras, faz-se uma exposição com móveis antigos e novos produzidos na terra. Chamam-se pessoas do Fundo de Fomento da Exportação (e outras) com quem, após negociação dos conteúdos e da linguagem, se fazem colóquios alargando horizontes do sector. Descobre-se que um dos problemas das crianças é a cárie dentária e fazem-se sketches de teatro sobre o tema. A alfabetização é feita em pequenos grupos onde se escrevem bilhetes e trocam recados.

E que mais se faz no Lordelo? Não sabemos. Era bom que contassem!

E que mais se faz no país? Não sabemos. Era bom que contassem!

Estamos fartos de escrever coisas mortas! Se esta Revista for mórbida, ninguém a lê e nós cansamo-nos.

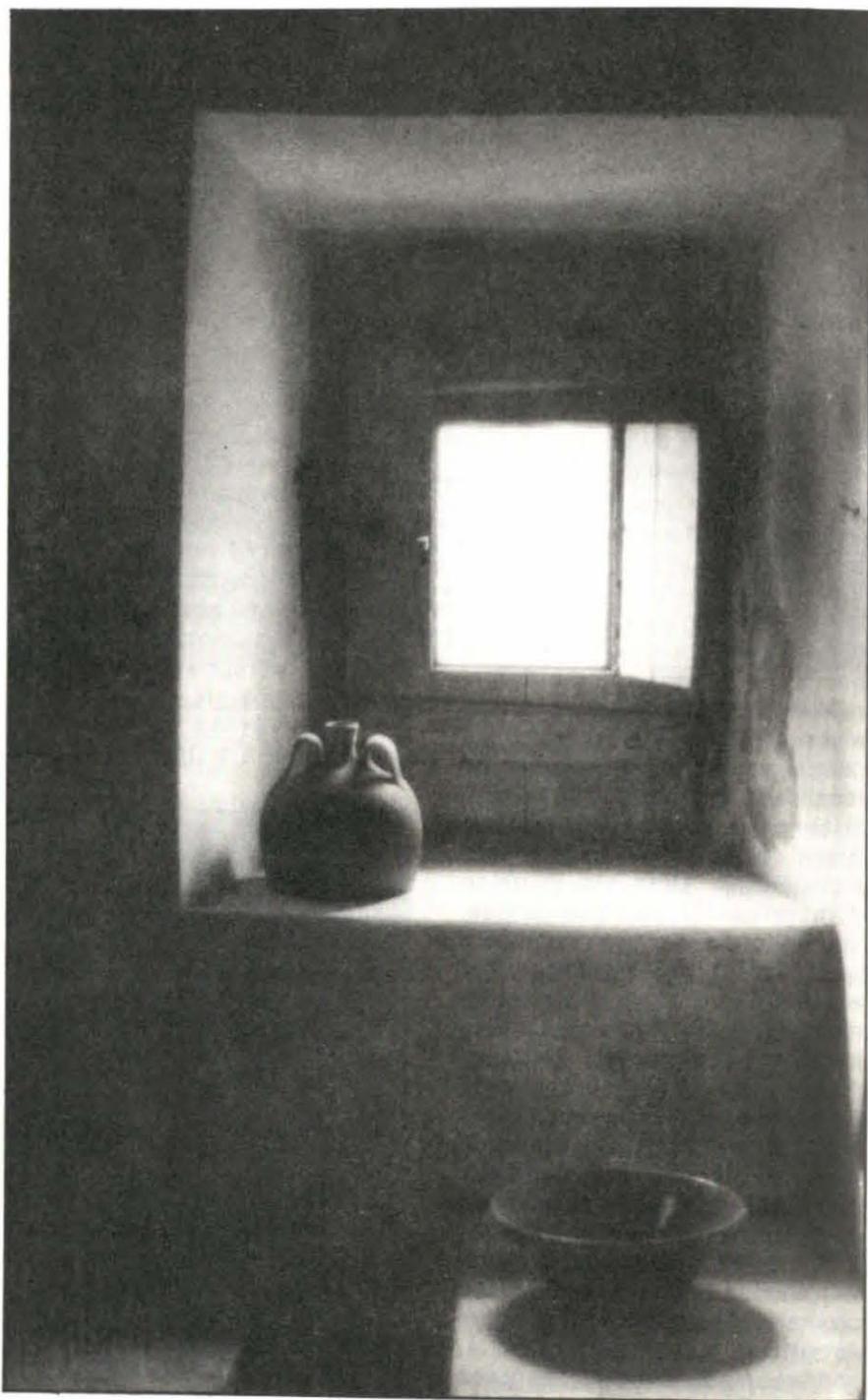
Queremos ter prazer a escrever e sentir vida na Revista. Senão desistimos.

Quem responde ao desafio?

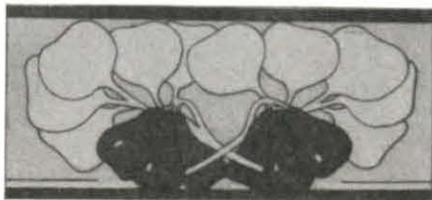
Carlos Fragateiro
Lucília Salgado
Leiria 4.4.82

CRIAR UM MUSEU DE LOCALIDADE

NOTAS DE UMA EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA



Miguel Horta



UMA RELAÇÃO DINÂMICA ENTRE O MUSEU E A POPULAÇÃO

Com a experiência e os resultados obtidos em dois anos de trabalho efectivo, constatámos a importância de estabelecer uma relação dinâmica entre o museu e a população.

Compreendemos que o museu devia não só ser utilizado como reflexo estático duma situação dinâmica, como até aqui se fazia, mas que deveria sobretudo ser utilizado como um meio real e autêntico de fazer face aos problemas que mais afectam a comunidade, por intermédio da organização autónoma da população.

Graças à relação museu-comunidade, pode-se fazer tomar consciência à população dos problemas económicos, políticos e culturais que lhe dizem respeito e expô-los objectivamente. O resultado obtido está numa larga interacção e comunicação entre os grupos locais e sociais, que lhes permite tomar consciência da sua situação, de a revalorizar e de realizar uma actividade propícia à mudança. Esta dinâmica de grupo entre a comunidade e o museu, e todas as actividades que daí decorrem, facilita a organização da comunidade em relação ao estabelecimento de reivindicações e de formas de solução, tendo em conta os limites impostos pelo sistema político.

Entre as propostas inicialmente surgidas, encontravam-se: a criação duma escola primária, a construção dum caminho e a realização dum curso de alfabetização.

O MUSEU É UM MEIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O museu é um meio de comunicação social útil quando reflecte objectivamente a realidade; de facto, não é necessário ser alfabetizado para entender as mensagens

preparadas; quando os objectos estão integrados no seu contexto cultural, os individuos não precisam da ajuda de textos e mantêm uma estreita relação com o próprio objecto.

Esta relação museu-comunidade permite organizar a comunidade em torno de certas actividades culturais, cujo fim seria ainda o de mostrar às classes rufo-urbanas o desenvolvimento histórico concreto da sociedade local, regional e nacional.



COMO SENSIBILIZAR OS HABITANTES PARA A CRIAÇÃO DO MUSEU?

Para realizar o trabalho de sensibilização pode recorrer-se a diferentes meios, tais como:

- organizar reuniões para discutir a importância da criação dum museu. Estas podem ter lugar em casas particulares, autarquias, num clube ou numa escola primária ou mesmo num café;
- preparar exposições temporárias, em que os habitantes podem tomar parte quer na montagem quer na vigilância;
- organizar conferências sobre diversos temas, assim como representações de teatro, de música, e de danças folclóricas;
- apresentar documentários

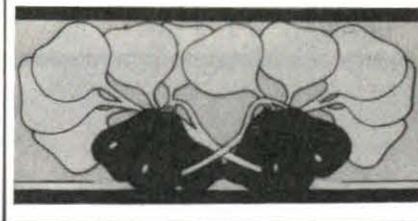
OS MUSEUS DE LOCALIDADE — e a designação de 'museu' pode não ser sempre a mais própria para designar essas instituições — devem constituir-se essencialmente como memória das comunidades e como um espaço, não necessariamente físico, onde elas possam reflectir sobre si mesmas, sobre a sua história, sobre o seu futuro.

OS MUSEUS DE LOCALIDADE podem constituir-se a partir de uma, qualquer, reflexão sobre a vivência e o património cultural local, eventualmente a partir de uma recolha de objectos ou outros valores que essa comunidade, enquanto tal, possui; podem desenvolver-se nas formas mais diversificadas de organização, instalação e apresentação, no entanto, devem surgir sempre muito ligados às comunidades, concebidos, organizados e utilizados por elas, numa acção que vise repor as práticas tradicionais, hoje em regressão, da associação entre as pessoas para a concretização de objectivos de interesse comum.

Podem constituir-se com base na recolha e organização de uma colecção sistemática de velhas alfaías agrícolas, de fotografias antigas, de narrativas tradicionais ou de quaisquer outros elementos culturais locais, mas podem partir também de uma colecção de objectos heterogéneos ou simplesmente de uma reflexão sobre a aldeia, sobre a festa ou sobre qualquer outro aspecto da vivência colectiva local.

Podem surgir da actividade de um grupo já constituído dentro da comunidade — os alunos da escola, o grupo de danças ou a comissão da festa — e podem também ser iniciados por um grupo que se constitua para o efeito; podem instalar-se num edificio notável, espalhar-se um pouco por todo o espaço da aldeia, ou nem sequer possuir um espaço caracterizadamente próprio; podem assumir a forma relativamente estável de uma colecção, de uma exposição ou de um arquivo, mas também podem constituir-se simplesmente como um conjunto de actividades.

Luis Mateus



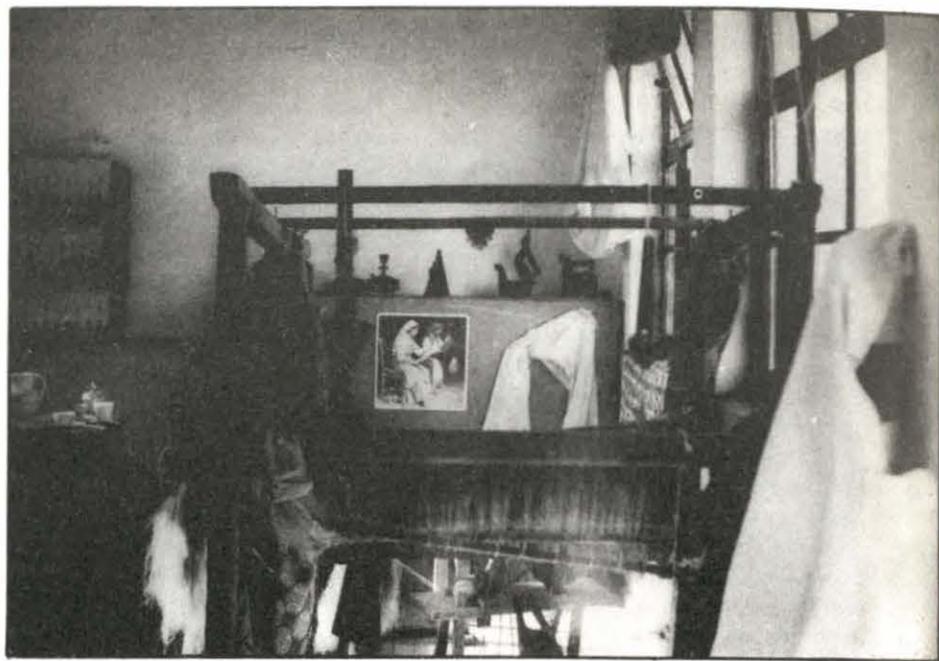
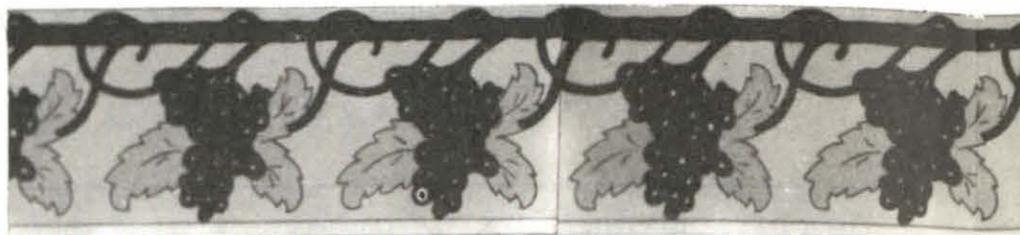
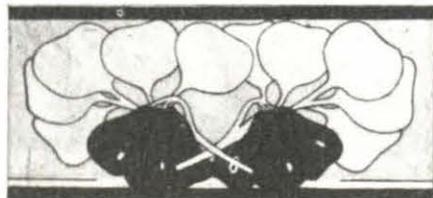
sobre o desenvolvimento dos museus, montagens audiovisuais sobre a arqueologia, a pintura, as artes populares, a etnologia, os monumentos, etc.;

- despertar interesse pela conservação dos vestígios históricos, pelo conhecimento da evolução cultural da municipalidade até aos nossos dias;
- criar a necessidade de localizar e depositar ao cuidado dos museus peças e objectos representativos da vida quotidiana, do passado aos nossos dias;
- encorajar a participação activa na criação, manutenção e planificação em tudo o que se refira ao trabalho do museu;
- insistir na importância de legar aos seus descendentes uma herança cultural que lhes permitirá integrar-se conscientemente no processo histórico-social do país;
- promover os artistas e artesãos locais dando a conhecer a sua obra e despertando o interesse dos habitantes em encontrar todas as formas de expressão artística.

É evidente que este trabalho permite, não apenas criar um meio cultural favorável, mas ainda as melhores condições para a manifestação e identificação de problemas sociais locais.



■ Este artigo foi feito a partir dum relatório preparado no quadro do programa dos Museus Locais e Escolares do Instituto Nacional de Antropologia e História do México



CHAVÃO





O MUSEU DE ALFAIAS AGRÍCOLAS DE FERMENTÕES SERÁ UMA REALIDADE

Desde há cerca de três anos que uma equipa nomeada pela Casa do Povo e Centro Cultural vem trabalhando e desenvolvendo esforços em estreita colaboração com o Museu Alberto Sampaio, para que, em Fermentões, haja uma sala Museu onde se guardem e conservem Alfaias Agrícolas e outras peças relacionadas com trabalhos agrícolas da freguesia.

Tem este departamento, ao longo destes três anos, procurado, dentro das suas possibilidades, fazer um trabalho que julgamos estar dentro dos objectivos desta associação, que é da valorização sócio-cultural dos habitantes da nossa terra.

Entre outros trabalhos, salientamos a recolha e restauro de muitas peças, que encontramos abandonadas em risco de se perderem. Através das quais se têm realizado várias exposições, umas na freguesia, nas salas das escolas primárias, outras na sala do pavilhão, e mesmo em outras terras, nomeadamente no Museu Alberto Sampaio, no Palácio dos Biscaínhos, em Braga, no Antigo Colégio Académico, no Porto, e na Vila de Paredes.

Mas todo este trabalho só tem sido possível com a ajuda e compreensão de muitas pessoas da freguesia, que nos ofereceram, venderam ou depositaram muitas peças que actualmente se encontram expostas na sala de exposições no edifício do pavilhão. Enquanto aguardamos que nos sejam entregues algumas das salas da escola velha do Motelo, que a Câmara nos vai ceder, para lá ser instalado definitivamente o Museu de Agricultura.

Assim julgamos estar a contribuir para que nesta freguesia se crie um verdadeiro Centro Cultural e Recreativo.

Departamento do Museu de Alfaias Agrícolas

Assim nasce um Museu Popular

"Em Chavão, pequena freguesia do concelho de Barcelos, predominantemente rural, com uma população activa de pouco mais de seiscentas pessoas, algo se passa que pode e deve servir de exemplo a muitas outras freguesias".

"Tudo começou há menos de um ano. Sendo Chavão uma aldeia onde cada lugar tem uma história, cheia de lendas, rica em costumes e tradições, as professoras do ensino primário e educadora infantil, acharam por bem, no início do ano escolar, contar às crianças, entre uma operação de aritmética ou a conjugação de um verbo, um pouco da sua própria história. De tal forma o fizeram que estas, entusiasmadas, contagiaram os seus próprios pais".

in Comércio do Porto

"Além de tudo isto houve foguetes e música, cantigas ao desafio e sardinhas assadas com vinho verde.

Tudo num ambiente de festa minhota que costuma ter por objecto uma celebração religiosa, mas que aqui tinha apenas por fim a angariação de fundos e a recolha de objectos do artesanato local com vista à organização de um Museu Popular de Chavão a ser gerido e dinamizado por uma Associação Cultural. (...)

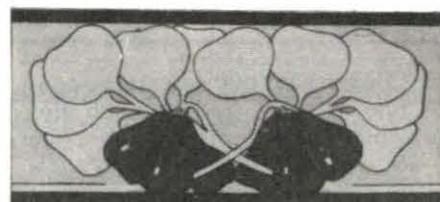
Este material, contudo não pode ficar na escola. (...)

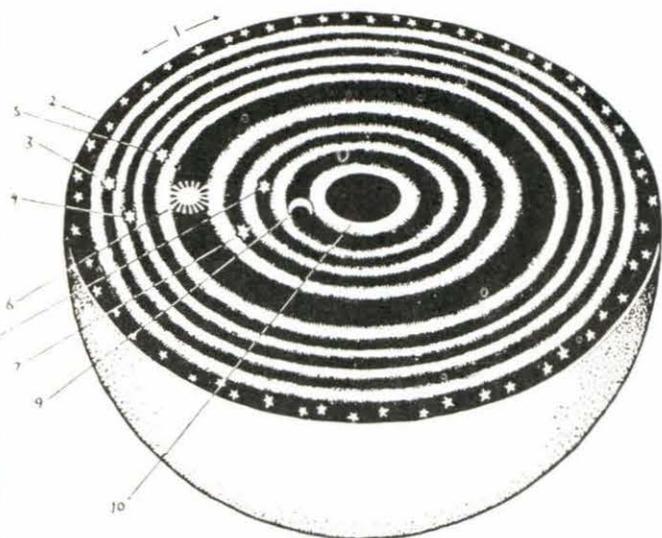
É por isso que já se pensa na aquisição de uma casa típica para ser instalado lá o Museu Popular de Chavão"

in Barcelos Popular

"A recolha já efectuada do valioso recheio, representado pelos mais variados utensílios de lavoura (alfaias agrícolas) já fora de uso, e muito antigos, a valiosa colecção de trajos usados em tempos remotos pelas gentes da terra (fatos de trabalho, de festa e de casamento), alguns deles já raros, todo o recheio de uma cozinha de aldeia (potes de ferro, louça antiga, bancos de lareira e candeias) e a reconstituição de um quarto, com todo o bragal e móveis, recheio esse espalhado por três salas estiveram, no último domingo, em exposição".

in Primeiro de Janeiro





ANIMAÇÃO CULTURAL CIENTÍFICA

PORQUÊ? COMO? PARA QUÊ?

Lembram-se da exposição dos físicos **De que são feitas as coisas?**, em Junho do ano passado, no Instituto Superior Técnico em Lisboa? Reparei que os animadores letrados (isto é, com muitos anos de escola em áreas não científicas) e alguns intelectuais progressistas — chamemos-lhes assim — que por lá passavam, após uma ou duas frustradas tentativas de fazer funcionar as máquinas segundo as indicações, saíam resmungando ou dizendo que precisavam de mais tempo (os mais honestos, honra lhes seja feita!), ou aventando críticas mais ou menos teorizadas de fuga a uma realidade que lhes escapara. Reparei ainda que animadores ligados a actividades manuais (electricistas, mecânicos,

etc.), metiam mais facilmente as mãos na massa e dialogavam fluentemente com os físicos.

Pensei então: os animadores progressistas têm normalmente a atitude de dirigir a sua actividade para os meios populares. O mesmo se passa, por exemplo, com a alfabetização. Ora, as pessoas destes meios são, maioritariamente, trabalhadores manuais. A sua vida passa pela relação com o concreto, a sua linguagem é essencialmente marcada pela prática do real. Mais: a escola primária favorece as crianças dos meios letrados porque parte da sua linguagem, do seu universo, preterindo os miúdos dos meios populares cuja inteligência se desenvolve na prática do concreto (ajudar o pai a arranjar as

máquinas, fazer carrinhos de esferas, saltar aos muros para "gamar" laranjas), remetendo-os para as listas dos insucessos escolares. Não andaremos nós, mau grado os nossos discursos de partir da realidade das pessoas, a fazer na animação o mesmo que fazem os professores do ensino primário?

Penso nisto e começo a acreditar da importância fundamental que a animação científica pode ter na relação com as comunidades. É partir das suas práticas, é compreender a realidade material, o seu quotidiano.

A fuga dos animadores a esta problemática não estará mais na sua falta de formação científica (de poder, de superioridade!) nesta área, do que no pretenso desinteresse das populações?

Há pessoas que detestam o concreto material, que, de facto lhes inspira horror; preferem o concreto social, o concreto dos episódios e da memória, o concreto da história, que os apasiona. Mas, na verdade, pensar, viver o concreto material dá-me imenso prazer (devo dizer?) artístico. Julgo que muitas outras pessoas que trabalham em Física têm uma sensibilidade análoga, mas não creio sequer que seja regra geral. Construir, inventar objectos, que sondam, interferem com o concreto material; definir e experimentar linguagens de acesso ao funcionamento das coisas; reinventar o mundo material pela descoberta dele mesmo, podem ser actividades lúdicas, certamente não exclusivas das Ciências mas que, num sentido muito primordial, as Ciências Experimen-

tais partilham com as artes e, também, com os ofícios.

JMG



PRÁTICA CIENTÍFICA...

Não sei se é pelo aspecto algo misterioso com que a ciência se nos apresenta, se pela proximidade de uma civilização essencialmente rural, pejada de pensamento mitológico, que não encontramos, ao contrário do que acontece noutros países da Europa, a componente científica nas práticas de educação popular ou de animação sócio-cultural. As actividades de tipo desportivo ou recreativo continuam a ser largamente maioritárias por todo o país, embora já se vão encontrando, aqui e além, outro tipo de iniciativas. Por vezes até sem terem consciência disso. Quando em Arnoso (Santa Eulália) o Marinho, que tem uma formação de enge-



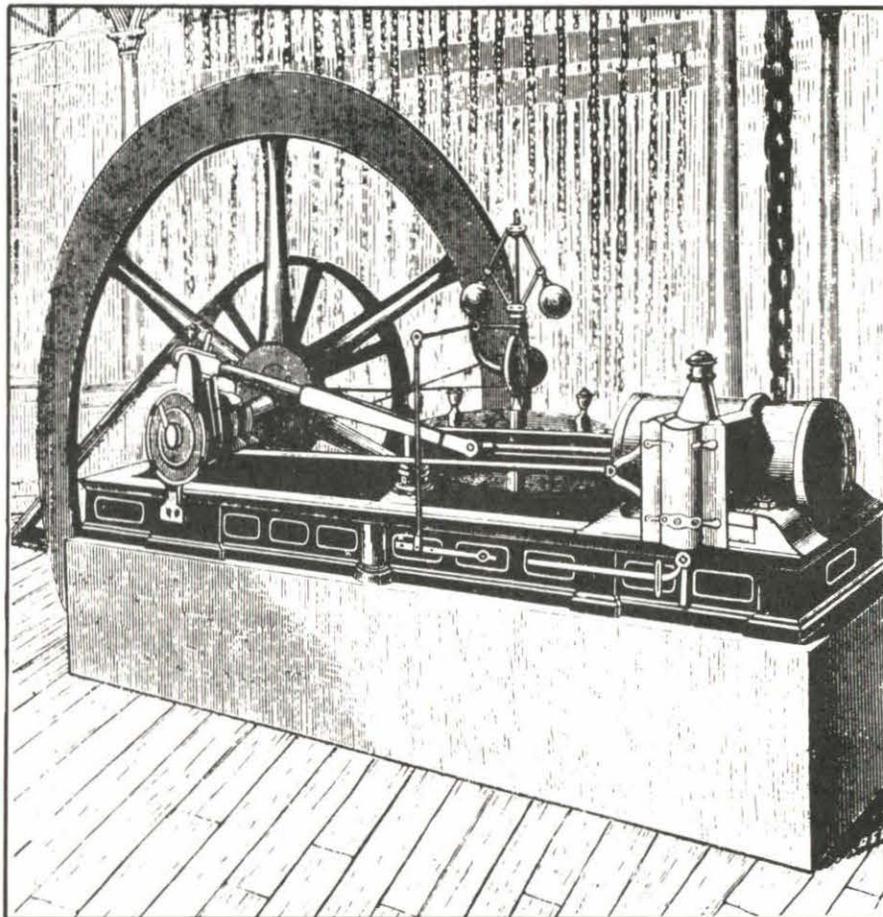
nharia, discutia, com os vizinhos da sua aldeia com quem andava a construir o Centro Cultural, as características físicas dos materiais que haviam de empregar, não estavam a ter, conjuntamente, uma actividade científica?

Mas, mesmo numa forma mais estruturada, já muitas associações vão enriquecendo as suas actividades com assuntos de carácter científico.

No Centro Cultural Roque Gameiro, na Amadora, há muitos anos que o Gonzalez vem animando um grupo de jovens em pesquisa arqueológica. E se inicialmente só os mais afeiçoados sabiam perceber pela forma e pelas características do material de que era feito o pedaço de barro que acabavam de desenterrar, que povos e quando o teriam utilizado, mais tarde, quando expuseram pedagogicamente o material descoberto ou produzido, num pequeno museu para o público, pude aprender, tal como as crianças das escolas da zona, a história da Amadora ou como é feito o interior da Terra.

E se a Roque Gameiro pode contribuir para o enriquecimento cultural de quantos por lá passam, criando ao mesmo tempo conhecimento científico, numa iniciativa da secção local dos Amigos da Terra, que há dias tive ocasião de ver em Leiria, não só se ligava o conhecimento científico à defesa do ambiente como, passando pelas tecnologias não sofisticadas, se mostrava o aproveitamento económico que se podia tirar da produção de gás metano utilizando o estrume inevitável dos animais. Foi interessante a maneira como o Augusto Mota improvisou, com latas e mangueiras, um aparelho que produzia gás metano (eu vi-o arder e senti o cheiro do estrume!). Mostrava ainda, através de fotografias, uma cooperativa de criação de frangos que, na região, mantinha os aviários com a energia assim produzida.

L.S.



— Não é verdade que durante o século XIX e parte do século XX a Cultura Popular tinha, como parte integrante das suas esperanças, ao menos nos momentos vivos em que se sentia portadora duma sociedade nova, a convicção de que a apropriação do saber sobre o con-

creto social e sobre o concreto material, que a apropriação que soubesse fazer das ciências e a produção científica que ela própria soubesse levar a cabo, seriam determinantes na possibilidade de mudar o mundo? Como é hoje?

J.M.G.

— Ao contrário do que parece, julgo que os elementos centrais da cultura científica contemporânea, em particular no caso da Física, não penetraram, não entraram ainda em diálogo (ou então foi um diálogo de surdos) com a Cultura Popular. Há muitas razões sociais para isso, que não são mistério. Mas perceberemos talvez melhor o problema quando entendermos a história deste abandono recíproco da Ciência e da Cultura Popular.

LS.

Desmistificar? Por contrapartida apenas, eventualmente. Se uma acção deste tipo desmistificar, ou contribuir para tal, uma imagem frustrante, inacessível, formalista, do conhecimento e da produção dos conhecimentos científicos, tanto melhor, e espero sinceramente que seja assim, porque muitos profissionais da ciência se têm prestado e têm construído essa imagem mistificadora deles mesmos e da sua profissão.

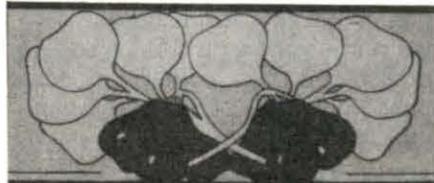
J.M.G.



— Quase não há programas de divulgação cultural, ou de acção cultural, no domínio científico. Isto é particularmente evidente na TV, na Rádio, nos jornais, onde são raras as rubricas que respondam à curiosidade científica, que apelem para o "faça você mesmo", que dialoguem com as representações populares que têm por objecto os fenómenos naturais, a tecnologia. Mas, por outro lado, e como se fosse um autêntico índice de, sei lá, sentimento de impotência social, de aceitação sem esperança nem combate do que existe, como se de uma fatalidade se tratasse que nos não incumbe discutir, proliferam as técnicas imaginárias, de (não)controlar a realidade: os OVNIS, os fenómenos "parapsicológicos", o domínio dos signos e dos "biorritmos",...

Que mais? Lembrar que o trabalho científico tem uma história social, e uma história material, além de um puro percurso intelectual... Que está ligado à história de todo o trabalho e, em particular, à das técnicas. Que tem, assim, uma história extensa e larga e que o ofício que daí resulta, na actividade de investigação, exige uma aquisição prolongada, uma aprendizagem longa; que não é um trabalho simples que se possa transmitir, utilmente, numa forma instantânea e feérica. Mas é perfeitamente possível a qualquer mortal entender de que é que se trata, que ideias-chave estão na base da actividade desenvolvida, que técnicas se utilizam; mais, que é possível a qualquer mortal fazer Ciência, como qualquer outro ofício, se lhe forem dadas as condições sociais para tanto, se tiver vontade disso, bem entendido, se perder o tempo suficiente e se, no fim de contas, gostar: porque também pode acontecer que não goste, sem que se deva sentir mais infeliz, ou menos dotado por esse facto...

J.M.G. José Mariano Gago — Físico animador cultural



ANIMAR O BEM-ESTAR MELHORAR O AMBIENTE

INTERVENÇÃO — Dissemos que se poderiam enriquecer as práticas de animação cultural com temas úteis à vida das pessoas, da sociedade. *Ecologia* foi um tema que nos surgiu. **Pensas que é possível? Pode-se introduzir a problemática ecológica nas práticas de animação cultural?**

JOSÉ MEXIA ALVES — Penso que sim. Como? Normalmente as associações culturais têm como fito principal, como veículo de cultura, o teatro. Depois, em escala menor, pequenas palestras, normalmente fastidiosas no meu entender. As pessoas adormecem, etc...

Quer com estes dois tipos de actividades, quer com uma terceira de que já falarei, pode conseguir-se sensibilizar e ter uma actividade benéfica e cultural, por exemplo em associações em meio rural. Como vejo as duas primeiras: o teatro — fazer peças dirigidas à sensibilidade das pessoas. Hoje, o contraste entre a vida buliçosa da cidade, com a sua poluição e com o stress inerentes à vida activa que a cidade imprime contrastando com o repouso, em termos de sanidade, quer física quer mental, que o campo possa trazer às pessoas.

INT. — Mas isso é evidente. Não me parece que traga qualquer novidade. Toda a gente sabe, no campo ou na cidade, o que acabas de dizer. Qualquer camponês em Lisboa tem saudades do

campo pela sua calma. Qualquer pessoa do meio rural, quando se fala da cidade, se refere a esse mesmo stress que acima referiste.

J.M.A. — Sim. Mas aí é que está! Vamos procurar partir daquilo que é evidente, valorizando-o, tornando-o consciente. Tentar perceber por que é melhor — naquilo que o é, de facto — a vida no campo para o não destruir e poder valorizar. Repara que estou ainda a falar na **sensibilização** para a questão ecológica. Por exemplo, as crianças devem ser um público a atingir preferencialmente. Uma história como a do rato do campo e o rato da cidade, bem trabalhadinha, pode ser um bom princípio.

INT. — **A sensibilização parece-me fácil de fazer. Mas se se quiser ir mais além?**

J.M.A. — O.K. Aqui entra a 2ª parte. Aquilo a que normalmente se chamam palestras e que eu suprimiria enquanto tal. Introduziria debates, no final, por exemplo, de actividades teatrais como estas para, sobre o tema geral, ou pegando num ponto que a peça tivesse mais forte, fazer uma conversa. Aí, o animador tem muita importância (e seria ideal que fossem os próprios actores, ou um deles). Vai conduzindo a conversa e focando os pontos fortes. O "conferencista" encontrar-se-ia entre o público e daria os esclarecimentos mais especializados que fossem necessários.





INT. — Então achas que é necessário, nestas questões de ecologia, que haja alguém que seja conhecedor do assunto. Será então preciso um especialista? Quem poderá ser? Será fácil encontrar alguém?

J.M.A. — Penso que quando se faz uma peça destas já há um fito por detrás. Das duas uma: ou é o próprio "especialista" que a solicita ou já é preocupação do grupo que a vai representar. No primeiro caso o problema está resolvido. No segundo, é já um grupo com uma direcção nesse sentido e, enquanto prepara a peça para ser representada, procurará alguém que lhe possa dar apoio, quer no debate, quer no estudo da questão com os actores, de modo a estes ficarem habilitados a enfrentar o público no momento dos debates.

INT. — Parece-me que, sobretudo para um público de trabalhadores rurais, a problemática ecológica deve ser tratada a partir de casos muito concretos. Queres dar alguns exemplos?

J.M.A. — Aqui, pode entrar a segunda actividade propriamente dita, que é a acção do "especialista". Teve que fazer previamente

um levantamento de terreno para perceber as carências e dificuldades específicas da região em questão e então, numa assembleia da associação, trazer documentação informativa (sob forma, por exemplo, de slides, filmes, etc.) de outros locais, provocando confronto com os problemas da região.

INT. — Parece-me muito interessante a via que propões. Normalmente os "especialistas" não têm a preocupação de conhecer os problemas da região onde se encontram e vendem o mesmo discurso em qualquer sítio. Mas, se não te importas, para vermos mais concretamente do que estás a falar, gostaria que desses alguns exemplos de problemas ecológicos em meio rural e de hipóteses de soluções encontradas.

J.M.A. — Respondo-te já aos exemplos, não te precipites (em ecologia é essencial a não precipitação dos acontecimentos. A sociedade tecnológica é que vive da precipitação dos acontecimentos. Em ecologia, o tempo e o espaço são ilimitados).

E assim entramos na terceira parte de que eu te falava: o espaço ecológico.

Uma vez reunidas as condições

de sensibilização pela acção do teatro, etc., os esclarecimentos mais profundos pelas "palestras" (no sentido em que as encarámos), resta a acção no terreno.

De acordo com as acções vistas nos pontos anteriores, podemos então começar a trabalhar em problemas, como por exemplo:

- ordenamento rural, da propriedade agrícola;
- asseio e higiene rural (das pessoas, dos animais, da comunidade);
- vocação específica da região;
- desenvolvimento da sensibilização paisagística do espaço rural;
- utilização correcta dos meios ao alcance (maquinaria, pesticidas, fertilizantes);
- aproveitamento máximo dos recursos naturais (nomeadamente os energéticos);
- protecção da natureza em geral (fauna, flora, etc.);
- recuperação de elementos perdidos e ameaçados (humanos, fauna, flora...);
- etc., etc...

INT. — Bom. Começo a conseguir concretizar, mas ainda me parece um pouco abstracto. Se pegássemos num exemplozinho e o levássemos do princípio ao fim? Imagina que eu sou animador numa aldeia rural. Fui sensibilizada para a questão ecológica e quero fazer alguma coisa no meu sítio. Agarro num ou dois amigos da Associação, descubro um tipo que sabe minimamente de problemas ecológicos da minha região e, segundo tu disseste, vamos fazer o diagnóstico da comunidade (ver que problemas há). Verificamos que um problema é, por exemplo...

J.M.A. — A poluição do rio que passa na aldeia provocada, por exemplo, pela má estabulação de animais nas suas proximidades, onde, por infiltração, vão ter os dejectos; o rio é ainda o caixote do lixo da aldeia onde flutuam pneus velhos, sacos de plástico, etc.



INT. — Pronto. Víamos isto e começávamos a pensar se haveria alguma solução para esta situação.

J.M.A. — 1ª acção — agarrar no grupo de teatro e fazer uma visita ao local. Fazemos depois, em conjunto, um guião para o teatro. Atenção, não fazer coisas moralistas e maçudas. Se possível uma coisa animada, mas teatro a sério, com interesse.

2ª acção — na discussão, após o teatro, fazer aparecer a questão mais demarcadamente e auscultar



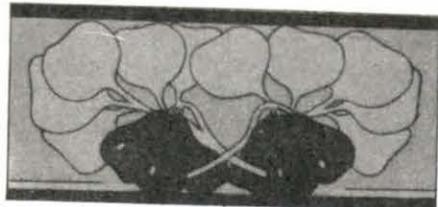
Mariano Picarra

o interesse que motivou este tema e outros da região. Aí, passaremos à

3ª acção — apresentação dos tais filmes e slides com soluções ou propostas noutras regiões e, se possível, uma visita ao local — terreno ideal para o debate.

4ª acção — esperar propostas e soluções por parte das pessoas, ajudas à sua realização e, sobretudo, não deixar cair esta intervenção, mantendo acesa a questão e o debate destes problemas.

J.M.A. — Engenheiro agrónomo — ecologista



ANIMAÇÃO BROTA SAÚDE... ... E A SAÚDE ANIMAÇÃO

A Rosário chegou cansada de Castro Daire. O Projecto de Farenhas está na última fase e, mesmo

para o campeão, a recta final é a mais dolorosa. Ao fim de dois anos (quase três) está-se tão embricado nas coisas que dificilmente se consegue libertar dos pequenos/grandes nadas para se abstrair o essencial transmissível. É preciso tempo para se conseguir distanciar.

Este projecto foi, no meu entender, das coisas mais interessantes que nos últimos anos se conseguiu

fazer em Portugal. Não só porque se conseguiu fazer (o que, já por si, é heróico nos dias que correm) e

atingir os objectivos a que se propunha, mas ainda porque o seu percurso está cheio de pequenas

"descobertas", de produção de instrumentos, de metodologias exemplares, construídas na pesquisa do

verdadeiro respeito pelas populações e, deste modo, conseguindo atingir muitos outros objectivos

não programados, mas desejados pelas gentes de Farenhas, ou surgidas inesperadamente como subprodutos de um processo.

Merecia um estudo, merecia uma análise mais aprofundada este projecto. A animação cultural e a educação permanente poderiam tirar dele muitas ideias, muitas hipóteses de estratégias — instrumentos de apoio.

SECÇÕES DE SAÚDE NAS ASSOCIAÇÕES

Comecei a falar deste projecto a propósito da conversa que não tive com a Rosário sobre a animação cultural e a saúde. Ou melhor, de como seguir uma via de animação cultural para melhorar a saúde das comunidades.

A Rosário falou-me já muitas vezes da sua experiência em Maceira (Sintra). As crianças (animação na escola) e os adultos (na associação) aprenderam noções elementares de saúde, mudaram atitudes na vida: passaram a ir ao Centro de Saúde, a reivindicar uma medida, a assumir que podem ter uma intervenção sobre o seu próprio corpo, a ter poder sobre si próprias preterindo os encantos das feiticeiras, as velinhas a Sta. Eufémia ou os poderes mitológicos dos comprimidos e estetoscópios. Um grupo de animadores (que poderiam ter vindo a ser bons agentes de saúde comunitária) apropriaram-se dos instrumentos do poder (o aparelho de tensão, o estetoscópio, a seringa) e aprenderam a utilizá-los e a fazer cuidados primários. Fazer análises simples cuja única complicação é perceber a mudança de cor. Medir a tensão é útil numa comunidade e faz entender, na prática concreta da realização que, tal como fazer as plantas brotar da terra, ou transformar pinheiros em mesas e cadeiras, a saúde, o bem-estar físico, pode ser obra das nossas mãos.

Na Associação "Os Alegres da Maceira" surgiu então, a par da



secção de teatro e de desporto, uma secção de saúde. Não será ainda hoje uma via a desenvolver, a continuar? As secções de saúde nas associações, com uma formação elementar dos animadores, formando-se também agentes de saúde comunitária, apoiando-se em toda uma documentação e material que existe nesse domínio, ajudariam os Centros de Saúde a cumprir a sua função de acção directa nas comunidades. Fica em aberto para se passar.

SAÚDE: PONTAPÉ DE SAÍDA PARA UM PROJECTO DE ANIMAÇÃO / DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Em Castro Daire (tentaremos aprofundar esta experiência num próximo número) trabalhou-se com um grupo de mulheres e, em pequenos grupos, "estudou-se" uma série de problemas, partindo do diálogo com a realidade concreta. A **alimentação**, sem discursos enfadonhos de quadros de calorias alimentares mas partindo do que havia: há agriões, porque não se comem? Para quê comê-los?

Como comê-los? — as crianças vencem primeiro a resistência das mães, procura-se depois receitas para fazer em comum, saladas, sopas, tudo serve de instrumento de animação, tudo se transforma em excelente material pedagógico.

O **aleitamento materno** não é fácil de recolocar depois dos bombardeios da Nestlé e da comodidade dos biberons; é preciso estudar os problemas, propor soluções; "não podemos dar o peito porque temos as mãos sujas do trabalho e nem sempre é fácil lavá-las" — como fazer? Talvez levar um saquinho de plástico com um tapinho húmido como até aqui se preparava o biberon... talvez...

Assim, resolvendo os problemas concretos, se faz animação, se faz educação em saúde. Uma experiência sobre **saneamento básico** abre o grupo à comunidade. A secção de **alfabetização** trabalha a palavra SAÚDE com a população. Um jornal de parede dá **informações**. Cria-se vida, movimento cultural, animação. Os homens, os jovens, as outras mulheres vão aderindo e criam-se novos grupos, surge uma **associação**.

As mulheres da aldeia, hoje, assumem os problemas da saúde

da comunidade, vão ao MAP pedir apoio para as questões da alimentação, **vencem resistências** e vão ao Centro de Saúde, à Câmara. A história de "O velho, o rapaz e o burro", trabalhada, serviu para **desbloquear problemas** criados pelos falatórios, as invejas, os medos. E a pouco e pouco as mulheres vão-se assumindo enquanto pessoas ("o meu homem até já me manda às reuniões" — descobre uma com surpresa), enquanto membros activos e úteis da comunidade — **organizam festas, planificam actividades**, fazem actas das reuniões ("a gente até aprende a escrever").

COMEÇAM A PROLIFERAR EXPERIÊNCIAS...

Ao correr da pena aqui ficam umas gotas de aperitivo para aguçar o apetite. Muito há a dizer de Castro Daire. As pessoas que lá trabalharam têm muito e muito para contar, o "dever" de comunicar.

E não só Castro Daire. A saúde começa cada vez mais a instalar-se nas práticas de animação. Sabemos que algo de interessante se fez em Aljustrel. Sabemos que há actividades neste domínio (em embrião ou já com estratégias e materiais mais estruturados) na região de Coimbra (acções promovidas pelo GRAAL), de Alcácer do Sal, de Santiago do Cacém, de Paredes de Coura, de Barcelos.

Era bom contar. A INTERVENÇÃO espera. Que os próprios implicados contem. Que os interessados perguntem e venham contar.

Dizia-me a Rosário, quando lhe perguntei se achava que as pessoas que não têm formação específica no domínio da saúde (como a maioria dos animadores) poderiam fazer alguma coisa nas comunidades:

"Claro que podem porque a saúde é um assunto das pessoas todas, faz parte da vida, não é só uma questão de médicos e enfermeiras".



O tempo imediato é um tempo interrompido

1 — Congratulo-me pelo reaparecimento da "Intervenção".

2ª Série: vamos a ela. É um instrumento indispensável.

O segredo, agora, está nas "maneiras" de manusear o instrumento. Depois do período de aprendizagem da 1ª série (16 números ao longo de 45 meses), aqui temos uma nova fase. Período do manuseamento?: parece-me ser o desafio fundamental.

Gostaria de sublinhar um mérito da equipa que tem aguentado a revista: são um suporte resistente. Não sou dos mais suspeitos nesta apreciação, visto que tenho mantido uma relação controversa com a revista e com os seus artífices. Mas apesar de crítico e distante, sou cúmplice de sempre: nunca vacilei quando se tratou de contribuir para a viabilização. Uma cumplicidade activa que é plenamente justificada pelo facto (exemplar) de se ter estado, sempre, perante um projecto realmente aberto. Tenho achado que é essencial, mas não chega: ser aberto. De uma maneira geral tenho considerado que tem faltado dinamismo e talento inovador. Há um problema metodológico que não tem sido resolvido. Não quero dizer que seja fácil, mas quero reafirmar que sinto insuficiente procura da estratégia metodológica adequada. A 2ª série (e já vão cinco) corresponde mais a essa aposta? Tudo isto tem subjacente duas questões:

- para quando (e sobretudo como) um balanço sério e profundo da 1ª Série (e haveria maneiras bem interessantes de o fazer!)?
- não é suficiente RELANÇAR a revista, e está provado que não chega apelar à participação (se PARTICIPAR tem o estatuto de PALAVRA-chave, não vamos muito longe).

É porque não me quero excluir deste processo que aqui venho "à baila", mas os filmes que gostaria de ver (ver para crer) neste écran dependem de tanta gente e do cruzamento de tantos talentos...

2 — "Outras maneiras" na RTP: uma tentativa frustrada. Um programa mais dois. Outro balanço necessário. Pela minha parte preparei um pequeno dossier: acidentes... Trata-se de um outro instrumento em que precisamos insistir. É complementar mas é importante.

O jogo do erro é um jogo vital. E também aqui a arte está na estratégia: evitar os próprios erros, corrigi-los, induzir o inimigo em erro e utilizar os seus erros. "Outras maneiras" não chegou a sê-lo, porque esta arte falhou. Se ficar apenas como "erupção experimental", não valeu a pena (os resultados estão demasiado distantes do esforço-configuração). Se for pretexto de aprendizagem: o jogo continua (esta história das séries agrada-me).

3 — A Carta da Lucília (no nº 2 da 2ª série): "que é feito do movimento Associativo?"

É claro que a Lucília (como qualquer intelectual), ao formular perguntas, está a fornecer respostas. A carta é importante porque estão lá algumas das respostas que explicam a situação actual do associativismo. Há agora movimento associativo porque há agora práticas associativas. De facto, é apenas um somatório, podíamos dizer — "variedades": mas sempre foi. O que acontece é que esse movimento esteve à superfície durante um período: era visível e imediatamente eficaz (mobilizador). Agora está em baixo. Se "está" quer dizer que (existe). Subterrâneo: para se dar por ele é preciso deliberadamente penetrar nas suas redes. Alterou-se. Uma alteração qualitativa que está profundamente ligada à evolução da sociedade portuguesa.

A Lucília sabe tão bem como eu, e como muitos de nós, que as associações são, a cada momento, o que forem os seus mentores. Se cada um de nós estiver parado, não há movimento (não me parece que corresponda ao que se passa agora); se cada um estiver em acção para seu lado e de forma mais ou menos isolada, há movi-



mento mas é disperso e fragmentado; se engendramos práticas conjuntas ou se as condições conjunturais nos impelem no mesmo sentido, temos movimento aglutinador. Que eu saiba, neste momento estamos, mais ou menos, cada um para seu lado. O movimento que produzimos é tão somente reflexo disso. Os espaços associativos existem, e também existem habitantes desses espaços. O que nós não temos é uma arquitectura: ideias globais e partilhadas sobre as funções desses espaços. E não temos porque ainda não as produzimos.

A carta da Lucília chateou-me e agradou-me:

- chateou-me porque tem um tom nostálgico que não posso deixar de ligar a um indício de ausência do presente;
- agradou-me porque pareceu-me vislumbrar (agora) uma vontade de acção conjunta (neste caso, acção-reflexão).

Depois desta carta, desafio-provação ao movimento associativo, uma coisa é certa: a Lucília não pode continuar só a fazer perguntas (ou a fingir que as faz). "Uma mesa redonda num campo de feira" não chega, mas é uma ponta por onde pegar. Quando é e onde é?

4 — O associativismo em Portugal está a ser estudado. Tenho várias notícias: o Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, o I.S.C.T.E., a Universidade Nova, o Centro Cultural Regional de Santarém, a SISMET, o Centro de Estudos Geográficos, a S.E.C., a Fundação Gulbenkian, para além de alguns estudos individuais, numa breve listagem que não é, de maneira nenhuma, exaustiva. O que preocupa é que as Associações (os seus activistas) estejam demasiado como objectos de estudo, e que não estejam a ser criadas as condições para as assumirem como sujeitos de um processo de investigação-acção.

O que sinto no movimento associativo é uma situação de carências de união-mediações. Refiro-me à criação de laços-ligações que dêem um sentido à existência do sujeito associativo: agora que a festa acabou. Foi festa de participação, da comunicação-expressão, da mobilização: capacidade e energia para a tomada de decisões e para o assumir de responsabilidades sociais. Foi um tempo importantíssimo e decisivo, em que o movimento associativo conseguiu imprimir uma dinâmica inovadora (na sua própria diversidade) aos processos de melhoria das condições de vida verificados na sociedade portuguesa. Grande parte dos saltos qualitativos obtidos devem-se às práticas associativas, incluindo as mudanças que se verificaram nalgumas práticas institucionais, nomeadamente no que respeita à acção autárquica. E aqui encontro

outro balanço por fazer. As associações fizeram muitas coisas e tiveram voz muito activa. A produção do presente (associativo) é diferente (o quotidiano alterou-se). O agora é feito de recolhimento e pulverização.

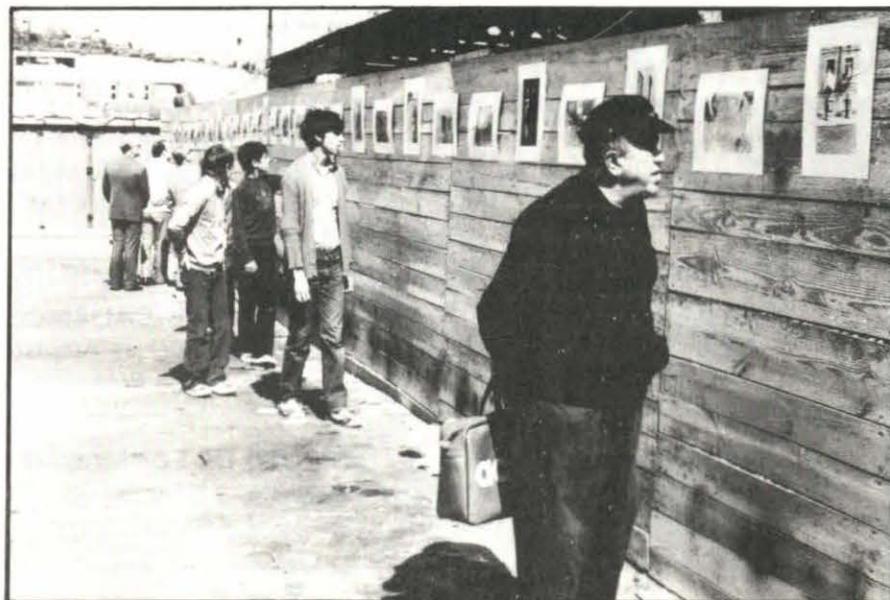
Finalmente, os estudiosos estudam (e ainda bem): sinal de que o associativismo produziu suficiente objecto. E continua a produzir. Mas discursos teóricos que estão a ser produzidos só adquirem uma validade significativa se forem apropriados-reformulados por todos aqueles que produzem a narrativa.

5 — Vejo múltiplos sinais do movimento associativo. Agora. Entre eles, está em pleno desenvolvimento um projecto a que atribuo um valor simbólico; refiro-me ao Projecto dos Centros Culturais Regionais. A regionalização de circuitos de comunicação, cooperação e produção, ao nível das formas de produção, ao nível das formas de produção de convivencialidade. É, ainda, o associativismo (através da conjugação de duas gerações de activistas) que está à frente deste processo. E a dinâmica é altamente inovadora: está a ser esboçado um modelo de acção cultural autónoma (não sem dificuldades, quer externas, quer internas). Enquanto a classe política (juntamente com a classe dos técnicos-especialistas)

produz discursos sobre a regionalização, as associações estão a construí-la através de reinvenção de uma prática cooperativa. Isto é agora, e é em simultâneo em diversas regiões. É um exemplo entre múltiplos.

6 — Tudo isto a propósito do presente imediato: tempo interrompido e portador de futuro. Então, venho insistir na produção de um EPISÓDIO. Venho propor que um conjunto de interessados comece a preparar a situação episódica (que quer dizer EXCEPCIONAL) dentro do movimento associativo. Uma interrupção preparada e encerrada, na Narrativa em que somos protagonistas. Uma ocasião (lúdica-convivencial) de nos repensarmos e de visualizarmos o futuro que temos entre mãos. O projecto utópico realizável: aquele que aceita e assume a sua condição de efeméride. Uma referência: outra — que juntamente com as que já produzimos nos mostra o percurso (a trajectória) do movimento que somos. Desafio para um acontecimento-padrão. Reencontro.

Concretamente, proponho que a Revista Intervenção se empenhe na constituição de grupos dinamizadores do IV ENCONTRO DE ASSOCIAÇÕES E ANIMADORES, a realizar ainda no presente ano de 1982. Pela minha parte, insistirei.



Mariano Piçarra

daqui e dali

ENCONTRO REGIONAL DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE BASE DE ADULTOS



Durante as **Jornadas Democráticas de Educação, Cultura e Comunicação**, que tiveram lugar em Lisboa (14 e 15 de Fevereiro), um grupo de pessoas, ligadas a questões de alfabetização e educação de base de adultos, teve ocasião de se reunir e pôr em comum algumas preocupações sobre o assunto. Que futuro para a alfabetização? Irá acabar o incremento até agora havido? Se terminam os destacamentos de professores, se não há dinheiro para pagar animadores (bolseiros) nem para subsidiar as asso-

ciações, que desenvolvimento poderá ter o processo? Diz-se entretanto "que os analfabetos estão a morrer de velhos" — declaração chocante e não verdadeira. E querer transformar alfabetização em aprendizagem formal de leitura e escrita, é querer fazer desaparecer todas as práticas educativas que se desenvolvem nas comunidades a par e no interior das acções de educação de base. Será que o CNAEBA não vai ser implementado e se vai reduzir a educação de adultos à recuperação das

perdas do insucesso produzidas pelo ensino primário? E os problemas que hoje se colocam aos animadores nas suas práticas quotidianas?

A enunciação destas questões por um pequeno grupo fez surgir a necessidade de alargar e sistematizar o debate. O grupo (informal) decidiu então:

- Apresentar ao Plenário das Jornadas Democráticas uma moção para este propor ao CNAEBA (Conselho Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos) a organização de um Encontro Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos.

- Organizar, a nível da área de Lisboa, um encontro sobre o mesmo assunto, procurando fazer um levantamento mais profundo dos problemas, sistematizá-los e preparar propostas de soluções a apresentar no Encontro Nacional proposto ao CNAEBA.

A moção foi aprovada no Plenário, divulgada nos órgãos de

comunicação social e entregue ao CNAEBA.

O grupo informal está a organizar o Encontro na área de Lisboa, considerando-o, no entanto, aberto aos participantes de todo o país que nele queiram participar suportando as despesas próprias.

(O contacto pode, neste momento, ser feito através da INTERVENÇÃO).

O contacto pode ser feito para Av. Marechal Carmona, N.º 56 — 2750 Cascais

Pouco antes da nossa revista entrar nas máquinas, soubemos que o Encontro de Alfabetização e Educação de Base de Adultos (região de Lisboa) se realiza no dia 23 de Maio próximo, no Hotel Roma, em Lisboa.

Assinam a convocatória deste Encontro a Associação de Educação Popular do Zambujal e a Associação Cultural de Participação no Ensino.

L.S.

pub

COLECÇÃO LABOR

- **A EDUCAÇÃO OPERÁRIA E SUAS TÉCNICAS**
Um livro da O.I.T., Métodos e Técnicas de Educação de Adultos.
- **CULTURA POPULAR: Reflexões 2* Problemática**
por J. Reyes Frias.
Há uma cultura popular. Será possível preservá-la?
- **PRINCÍPIOS E PRÁTICA DE COOPERATIVISMO**
Por Luís A. Pardal.
Um quadro simples, mas objectivo da realidade do movimento cooperativo.
- **O MERCADO COMUM E OS TRABALHADORES**
por Manuel Victor Martins, Prof. da Universidade Nova de Lisboa.
Será ou não útil aos trabalhadores a entrada de Portugal na CEE?
- **SINDICALISMO: Ideologias Sindicais e SINDICALISMO: Evolução e Estruturas**
por Carlos Augusto Fernandes d'Almeida,
Antigo Prof. do Instituto Superior de Economia.

IST

Edições do INSTITUTO DE FORMAÇÃO SOCIAL E DO TRABALHO
Rua Duque de Palmela, 2-5º
1200-LISBOA

COLUNA a COLUNA

A RECUPERAÇÃO DE MATERIAIS—OS FANTOCHES

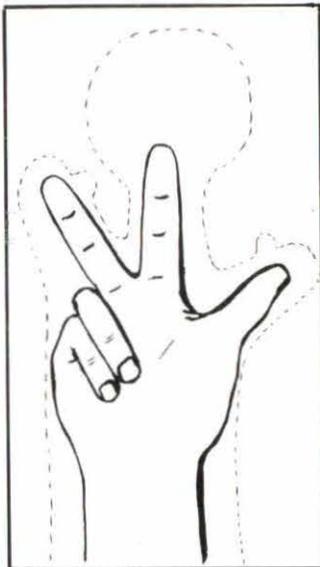
O primeiro elemento do fantoche é a mão que lhe dá vida: o indicador que lhe sustém a cabeça, o médio e o polegar que lhe mexem os braços, a palma que lhe enche o corpo. Tudo é concebido em função dessa mão, procura-se um material leve para a cabeça, onde se pintam uns olhos, uma boca, se colam pedaços de lã ou papel para os cabelos, de restos de tecido, papel ou feltro se corta, se coze, se cola, se molda o corpo do futuro personagem. Mas é sempre a imaginação que dita o que fazer com os materiais que tivermos disponíveis. Podem-se fazer cabeças de fantoches de quase tudo: embalagens vazias, legumes, cortiça, esferovite, papel amassado ou colado em camadas, colheres de pau e tantas outras coisas.

Um processo que dá muito bons resultados, embora de certo modo moroso, consiste em fazer um molde em barro e logo que este se aguarde — não convém deixar secar — cobri-lo com pedacinhos de papel colados um a um com cola de madeira; depois basta retirar o barro ainda mole do interior com uma colher. Com um mínimo de cuidados obtém-se a réplica exacta do molde, com a vantagem de ser muito mais leve e resistente, que só falta pintar com cores vistosas.

Os legumes são óptimos para improvisações rápidas pela sua imediata transformação, embora se deteriorem, como se calcula, com muita facilidade, depois de talhados — o contraste de cor interior/exterior é bastante efi-

caz para demarcar os traços faciais, mas podem-se fazer coisas giríssimas espetando pioneses, fósforos ou outros objectos coloridos — espeta-se-lhes um pauzinho por pescoço que se vai segurar com os dedos médio, anelar e mindinho, sobrando o indicador e o polegar para os braços (agarrar da mesma forma no caso das colheres de pau, com as quais se fazem bonecos muito interessantes através da aplicação de apêndices e um pouco de pintura).

Como se disse, os materiais a utilizar são inúmeros. Mais do que descrever a sua utilização é importante salientar que as cabeças devem ser o mais leves possível para não cansar os braços dos manipuladores e que os fatos devem ser maleáveis, por outro lado, quanto mais distantes estiverem os espectadores da cena, maiores devem ser os fantoches — contem com uma expressão gira para compensar a imobilidade da cara e que essa expressão deve traduzir de algum modo o perfil psicológico do personagem.



Já só falta fazer a história e dar oportunidade aos "bonecos" de contar à sua maneira, para delícia dos pequenos e grandes. Quem foi que disse que os fantoches são só para crianças?

Carlos Silva

- pub

Livraria SALESIANA

R. Saraiva de Carvalho, 275
Telefone: 609065
1300 LISBOA



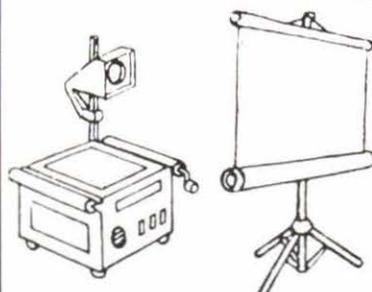
PRESENTES NA FEIRA DO LIVRO

LIVROS - PAPELARIA - DISCOS

**equipamento
audiovisual**

FILMES-FIXOS

À SUA DISPOSIÇÃO!



**pontualmente
à quinta-feira!**

**UMA NOVA FORMA
DE INFORMAR**

ponto

R. da Atalaia, 185-1º - 1200 Lisboa - Tel. 368602/07/15



"Foliões", músicos populares — S. Miguel Açores

As festas do Espírito Santo remontam pelo menos ao séc. XIV e foram instituídas em Portugal, segundo as melhores fontes, pela mulher de D. Dinis, a Rainha Santa. Destinavam-se a honrar a terceira Pessoa da Santíssima Trindade e, uma vez fundadas, rapidamente se espalharam por todo o país, incluindo as ilhas, conhecendo enorme aceitação entre as gentes do reino.

Os festejos iniciavam-se no Domingo de Pascoela e prolongavam-se pelos Domingos seguintes até Pentecostes, altura em que atingiam a sua máxima expressão. Como todas as festas religiosas da Idade Média, as "folias do Espírito Santo" (como também é costume chamar-se-lhes) incluíam uma forte componente de carácter profano, pois o povo não conseguia dissociar a religião da sua vida quotidiana, das suas tristezas e das suas alegrias e, portanto, não compreendia a homenagem a qualquer divindade sem a acompanhar de grandes manifestações de regozijo, com danças, comezainas, bródio enfim.

Na festa do Espírito Santo ganhou tradição a organização de um "bodo", que consistia numa lauta refeição aberta a todo o povo, em que se comia e bebia a bel-prazer. Era vulgar consumir-se nesta folgança, além do pão, arroz, grão, vinho (sempre em abundância), dezenas de cabritos e carneiros e mesmo alguns bois, condenados expressamente para o dia. Claro está que o entusiasmo era transbordante e por vezes excessivo, originando-se desacatos por causa da bebida, nem sempre consumida com moderação. Por esta razão era frequente a hierarquia da Igreja proibir com veemência a organização do "bodo", considerando-o como sintoma de paganismo.

As despesas do "bodo" eram custeadas pela Confraria do Espírito Santo, constituída pelos mordomos que anualmente se ofereciam, geralmente na sequência de promessas. Era a eles que competia a missão de angariar fundos, através de peditórios que realizavam todos os domingos a partir da Pascoela, aos quais, em sentido estrito, se chamava "a folia".

Esta "folia" do Espírito Santo era organizada em forma processional e constituída pelo cortejo dos "foliões" que pediam esmola de porta em porta, trazendo à frente o estandarte do Espírito Santo e outros símbolos religiosos. Logo a seguir, marchava a parte musical do cortejo, que entoava canções exortando à esmola, as quais, pelo que hoje se consegue saber, possuíam grande interesse etnomusicológico. Os instrumentos eram igualmente tocados pelos "foliões" e variavam consoante as províncias, apresentando sempre porém um tambor, que anunciava, com os seus rufos, a aproximação do cortejo.

Toda esta celebração do Espírito Santo, desde as "folias" semanais até ao "bodo" final, era uma velha tradição portuguesa que, pelas suas características tanto religiosas como profanas, congregava todo o povo não só em torno de uma divindade muito respeitada, mas também à volta de uma grandiosa refeição colectiva em que todos comiam e bebiam do "bodo" comum, confraternizando em alegre e despreocupado convívio.

Pena é que estes festejos apenas se mantenham hoje, na sua integridade, no arquipélago dos Açores, havendo deles ainda resquícios na Beira Baixa e sabendo-se que, no Algarve, era costume ainda no princípio deste século, levantar a "folia do Espírito Santo".

José Alberto Sardinha